

Carina Tomazzoni

Como começou a trabalhar com iluminação?

Sempre gostei de tudo que fosse intrigante e desafiador, que testasse minha capacidade e criatividade. Escolhi a arquitetura por ser abrangente e por desenvolver a aptidão para a análise técnica e artística. Durante o curso fui aluna da Betina Tschiedel Martau, optei pela extensão em iluminação e desde então sempre estudei e pesquisei muito o tema. Paralelamente a isso, atuei ao lado da arquiteta Leodi Vailatti desde a concepção da sua loja de equipamentos para iluminação, passando pela especialização, até o momento de iniciar meu escritório de projetos de iluminação.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Considero os mais importantes os que estou trabalhando no momento, pois são para eles que direciono a minha atenção e expectativas. Adoro vários residenciais, destaque para a residência em Veranópolis, publicada na edição 73 da Lume Arquitetura. Nos comerciais, a loja Casa Serra Gramado e o restaurante Seasons Porto Alegre foram grandes desafios. No período da loja, fui autora do projeto de iluminação da Florense Caxias do Sul, Bertioga e Santiago do Chile e coautora de setores da Master, Randon e Marcopolo.

Quais são suas inspirações para projetar iluminação? Tem algum lighting designer que admire?

As pessoas, os lugares, as experiências, tudo é inspiração. Mantenho um banco de imagens referenciais de tudo



Lighting designer tem como principal objetivo desenvolver projetos tecnicamente corretos, mas com elementos criativos e que toquem as pessoas.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

o que me desperta algum sentimento mais intenso – projetos, objetos, lugares – e o utilizo nas etapas de conceituação. Meu principal objetivo é desenvolver um projeto tecnicamente correto, mas com elementos criativos e que toquem as pessoas. Se puder ainda surpreendê-las, então atingi todos os meus objetivos. Acompanho vários profissionais, sobretudo os mais ousados.

Como vê o mercado de iluminação no Brasil, sob o ponto de vista dos produtos aqui fabricados e da oferta de trabalho para os projetistas?

A principal matéria prima do lighting designer é o desenho da luz, não os

equipamentos. Sobre tudo na região onde atuo, sinto dificuldades em ter acesso a alguns produtos e quando isso ocorre trabalhamos para criá-lo, desta forma sempre alcanço o desenho de luz pretendido. Na minha visão, tanto os fabricantes como a oferta de trabalho crescem e se aprimoram a cada ano, mas ainda engatinhamos se comparado a outros países.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Deve ter base técnica teórica, experimentação, construção de um repertório e uma visão analítica e artística dos espaços. Acho importante entender de arquitetura, não necessariamente ser arquiteto; ter conhecimentos multidisciplinares e atualizar-se diariamente. Como ainda não temos isso, uma certificação seria uma maneira de permitir a atuação de bons profissionais que muitas vezes acabam sendo autodidatas para alcançar todas estas especialidades. Acharia válida uma divisão conforme o talento e gosto pessoal, por exemplo: LD cênico – voltado à parte artística, LD técnico – voltado somente aos padrões de desempenho/normas e LD conceitual – não tão preso às normas, mas mais sensível às questões subjetivas de percepção e conforto.

Você faz parte de alguma associação? Por quê?

Ainda não. Havia deixado o assunto adormecido por um tempo, mas com a notícia da CLD – Certified Lighting Design irei retomar. Acredito que se os profissionais aderirem será um grande passo em direção à valorização e reconhecimento dos profissionais habilitados. ◀